

E d i t o r i a l

Criada em 1990, para assinalar o quinto aniversário do Centro de Memória, esta revista, então co-editada com a Editora Papyrus, de Campinas, circulou semestralmente até 1993, quando foi distribuído seu quinto número.

Na medida em que a *Área de Publicações* do CMU começou a dar mostras de sua potencialidade, o nosso interesse na co-edição foi diminuindo até que o falecimento prematuro de Milton Roberto Cornacchia, proprietário da Papyrus e grande amigo desta Casa, concretizou o final daquela parceria.

Mas aí aconteceram injunções, dessas que costumam abater-se sobre a Academia e não conseguíamos prosseguir, dando em resultado um prolongado hiato, que felizmente não impediu que o CMU continuasse crescendo normalmente.

Somente agora, três anos depois de circular o último número, Resgate volta, correspondendo assim à expectativa que se criou pelo seu retorno.

Volta com a mesma proposta inicial, que na verdade sentimos que não se cumpriu integralmente, o que esperamos poder agora ir concretizando.

O ideal que continuamos a perseguir é aquele anunciado, quando pela vez primeira circulamos na praça: aspiramos não sermos apenas mais uma boa revista acadêmica de ciências sociais, mas sofisticarmos na *forma* e no *fundo* a nossa

mensagem, que deve ser produzida com ciências humanas, letras e artes, de maneira leve, sem vulgarismo e concessões ao medíocre, mas e também afastando o rebusque do jargão acadêmico, capaz de estiolar o diálogo que deve presidir a relação com o leitor.

Notará ainda o leitor que reestruturamos nossa *Comissão de Redação* e o *Conselho Editorial*, procurando conferir-lhes mais agilidade, tendo em conta, sobretudo, a disponibilidade e a motivação das pessoas que deles participam.

Antecipamos, porém, ao leitor, o que vai encontrar nas páginas seguintes. Resgate mantém as mesmas seções dos números anteriores. Assim, em *Artigos* temos cinco títulos que contemplam áreas como História, Antropologia, Política e Educação: José Maurício S. Alvares faz uma leitura das imagens produzidas ao longo de uma das mais importantes expedições estrangeiras que cruzou o território brasileiro no século XIX: (17 mil quilômetros!), a do barão Georg Heinrich von Langsdorff, enquanto Décio Saes, mantendo o seu foco de análise no mesmo século, recoloca a Abolição da Escravidão inserida no processo de emergência capitalista do Brasil. Mudado o regime político, é ainda no último quartel do século passado que Rosa Fátima de Souza centra o seu estudo em história local e regional, procurando a resposta que o Estado dá às expectativas que então se

criam em relação à educação na Campinas da Primeira República.

Para o nosso século, Kabengele Munanga mostra como os nossos discursos anti-racistas se contradizem ao propor o respeito à identidade, à cidadania e à democracia. Finalmente, Roberto A. O. Santos resgata a obra de Lindolfo Collor, mostrando que não deve permanecer apenas como um dos fautores da política trabalhista da era Vargas.

Em *Comunicações*, Laymert Garcia dos Santos convida o leitor, com a análise que nesse sentido procede, a assistir ao filme *São Paulo S/A*.

O espaço da *Poesia* foi assegurado por Carlos Rodrigues Brandão, que, enquanto renomado antropólogo, não conseguiu sopitar

a bonita poesia que consegue produzir, quando contempla o seu próprio itinerário de vida.

A seção *Debates* mostra ainda o interesse que a obra de autores como Michel Foucault e Carlo Ginzburg provoca, enquanto José Crisóstomo de Souza relê Marx em busca de suas concepções sobre o *homem*.

Na seção *Combates & Rituais*, sumulam-se algumas das teses mais significativas que a Academia produziu nos últimos anos.

Fecha este número, a seção *Resenhas*, onde são examinados os livros *A Imagem Rebelde: a trajetória libertária de Avelino Fóscolo* e *Marcello Piacentini*, respectivamente por Eliana Regina de Freitas Dutra e Marcos Tognon.